

# **DESVENDANDO OS MANTRAS: UM MERGULHO NA HISTÓRIA DA ÍNDIA E SUA RELAÇÃO COM O KAMA SUTRA**

ANDRÉ LUIZ PORTANOVA LABORDE\*

## **RESUMO**

O presente artigo tem o objetivo de investigar qual o papel da religião para a formação da sociedade indiana. Nesse sentido, encaminha a discussão sobre o contexto histórico e sua ligação com o sagrado, como forma de salvaguardar a discussão acerca do simbolismo que permeia o Kama Sutra. Nessa análise, discorreremos sobre esse processo de construção em torno da religião, como forma de balizar a representação histórica que verifica a investigação entre hinduísmo, budismo e tantrismo como formas de legitimar a sedimentação do Kama Sutra enquanto literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Índia, metafísica, religião, representação e signo.

## **1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Para nós, ocidentais, a história da Índia ainda se mostra por detrás de um tênue véu que aos poucos se revela pelos novos investimentos historiográficos. A civilização indiana nasceu em um contexto marcado por invasões, num constante renascer de identidades que marcam e caracterizam a população hindu.

Está imbricada também na história da Índia uma relação bastante profunda entre religião e filosofia, que corresponde a uma lógica bastante diversa e distante para nós, ocidentais, entretanto se apresenta também de forma sedutora. Acontece na civilização indiana, ou melhor, no modo de pensar oriental, a emergência de uma metafísica que tem por finalidade explicar essa mística em que está imbuída toda a história da Índia. Na realidade essa magia faz parte de toda a construção do pensamento indiano, e é o que o torna tão fascinante para a investigação científica.

O objetivo sublinhado neste momento é tentar identificar como essa complexa civilização se desenvolveu, percebendo o seu contexto histórico e constatando também quais são as suas mediações com o

---

\* Licenciado em História; Mestrando em Educação Ambiental – FURG

sagrado. Busca-se também o entendimento de mundo da civilização hindu nessa trajetória grifada pela história.

O Kama Sutra, nesse contexto, somente serve de pano de fundo para a fundamentação do estudo em torno da história e da religião. Nesse sentido, destacamos o valor das relações entre o processo de formação historiográfica e a constituição religiosa hindu. O Kama Sutra enquanto objeto de pesquisa e análise ficará para outro momento – o que pretendemos aqui é justamente entender qual o papel da religião para a formação sociocultural da Índia, e quais dessas religiões rodeiam o universo pensado na literatura a respeito do amor oriental.

## 2 – CONTEXTO HISTÓRICO

O período que marca o início da civilização indiana é investigado a partir de registra importantes descobertas a respeito da Índia com as escavações arqueológicas que tiveram início na década de 20 (1922), no vale do Indo, no Sind, no Punjab e no Beluquistão<sup>1</sup>. Essas escavações trouxeram à tona a existência de povos com origens e denominações ainda não esclarecidas, que remontariam a mais de três milênios a. C. O estudo acerca dessas populações remete-nos à Idade do Cobre, quando estas construíram cidades fortes, desenvolvendo um projeto urbano funcional e bastante arrojado.<sup>2</sup>

Os habitantes do vale do Indo empregavam a roda para o transporte e também como torno para a fabricação de cerâmica, e foram os primeiros a usar em larga escala tijolos cozidos nas construções. Tal como na Mesopotâmia, cujas cidades floresceram poucos séculos antes, em Harappa<sup>3</sup> também havia um sistema próprio de escrita (EDWARDS, 2000, p. 126).

Essa descoberta em Harappa contribui para a constatação do cotidiano no vale do Indo. Reconhecemos nessas atitudes os primórdios

---

<sup>1</sup> Regiões da Índia – Vale do Indo. EDWARDS, Mike. *A civilização do Rio Indo*. National Geographic Brasil, São Paulo: Abril, v. 1, n. 2, 2000.

<sup>2</sup> As cidades eram estrategicamente fortificadas, com traçado urbanístico funcional, banhos públicos, mercados, adiantados sistemas hidráulicos e complexas redes de esgoto ao ar livre (id., lbid., p. 120).

<sup>3</sup> Harappa é também considerada outra "capital" do Império do Indus, mas tinha algumas diferenças, como o fato de o celeiro estar localizado fora da cidade, pois a proximidade com o rio Ravi permitia que toda a vizinhança transportasse por via fluvial os gêneros para serem estocados. O tradicional banho ritual dos hindus é refletido pelos intrincados sistemas de fornecimento de água de Harappa, assim como um organizado sistema de coleta de lixo.

de uma civilização que estava em desenvolvimento, provavelmente esse registro se remete à população drávida, que genuinamente, em tempos ancestrais, ocupava a região que hoje temos por Índia.

As escavações no vale do Indo despertaram olhares sobre um modo de vida que provavelmente tenha permanecido incógnito durante muitos séculos. Foram encontrados sinetes, contendo um traço pictórico bastante sinuoso, com inscrições que ainda atualmente estão em intenso estudo. Figuras que trazem a representação do cotidiano também vão auxiliar para conotar a respeito desse ambiente. Nesse sentido, destacam-se símbolos totêmicos com animais<sup>4</sup> e todo o imaginário que se atribui à mitologia indiana, suas visões de mundo, enfim o seu elo com o espírito e substancialmente com o transcendental.

De acordo com Jung<sup>5</sup>, o maior cisma que existe entre o pensamento ocidental e oriental está no reconhecimento do espírito, onde na verdade se localiza uma de suas profundas distinções. O sentido da “espiritualidade” é que, em realidade, denotará através de uma relação arquetípica as “leis” que regem cada sociedade. Assim, para obter a compreensão do pensamento oriental, devemos nos despir de toda e qualquer ligação que amarre nossa visualização de mundo segundo o prisma ocidental, e sim, partilhar de uma visão “Animus-Anima”<sup>6</sup>, para poder mergulhar de vez na história da Índia.

O período que irá demarcar o contexto histórico da Índia, do qual se tem registros na historiografia, se apresenta por volta do ano de 1300 a. C., marcado pela invasão ária<sup>7</sup>. Parte dos invasores rumou para o Irã, outra parte para a planície indo-gangética. Os árias dominaram toda a região, expulsando, suprimindo e escravizando seus habitantes. Mesmo sendo a população local superior à dos árias, acabou sucumbindo à melhor organização política e militar do invasor.

É atribuída aos árias a divisão clássica da sociedade hindu em castas<sup>8</sup>: *Brâmanes* (sacerdotes), *Xátrias* (guerreiros), *Váxias*

---

<sup>4</sup> Bois, elefantes e tigres eram retratados de forma realista, bastante semelhantes à arte sumeriana da Caldéia. A estética tinha impressionantes pontos de contato com a época clássica da própria Índia.

<sup>5</sup> Carl Gustav Jung – médico psiquiatra, conferencista e pesquisador dos fenômenos psicológicos. Nasceu em Kesswill (Suíça), 1875-1961 (ALMANAQUE ABRIL, 1996. p. 516).

<sup>6</sup> Arquetipos da alteridade: a contraparte feminina no masculino, Animus, e a contraparte feminina no masculino, Anima.

<sup>7</sup> Árias ou arianos significa *nobres* em sânscrito. Provinham do sul da região que atualmente reconhecemos por Rússia.

<sup>8</sup> “A religião tem sua origem na revelação, é transmitida pela tradição e é preservada pela ortodoxia. [...] As castas e a sociedade hindu tradicional são uma só e mesma coisa. [...] Está ligada à instituição social conhecida como sistema de castas, aparato de ordem

(comerciantes), *Sudras* (camponeses e trabalhadores) e os *Párias* (os Intocáveis, sem direitos na sociedade). Destaca-se também uma considerável contribuição cultural dos árias que foi o sânscrito, tal como aparece nos *Vedas*<sup>9</sup> demonstrando quão é presente a religião na formação do Estado indiano.

Além disso, é necessário entender até aqui que a consolidação da história indiana se dá através de um processo invasor – no princípio marcado pelos arianos e posteriormente ao longo de sua história pelos muçulmanos, mongóis, ingleses, portugueses, entre outros povos – em que uma cultura se mescla com a outra e produz uma diversidade de significados que iram compor a identidade da sociedade indiana. Nesse contexto se apresenta a imigração ária, entrelaçada à população local, formada por povos pastores que habitam a região indo-gangética, os drávidas ou drávidicos.

Como em todo processo de assimilação cultural, ocorreram, em conseqüência, movimentos de resistência, bem como mecanismos de incorporação da lógica dominante. É correto afirmar que esse processo por vezes é descrito como algo que veio consolidar a fundação desse estado, mas, como a Índia possuía uma divisão política bastante similar à da península balcânica, algumas regiões encaminharam sua história de acordo com as doutrinas religiosas que seguiam.

Em função disso, para melhor entender o processo de ocupação e povoação da Índia, torna-se inevitável um passeio ao redor das religiões que compõem esse mosaico que é o território indiano. Através desse percurso iremos mergulhar e entender os estágios de compreensão do processo histórico, bem como conhecer e desfrutar da simbologia que está incutida na análise dessas religiões que através de um contexto sócio-histórico vão nos revelar alguns dos encantos dessa sociedade calcada em mantras.

### **3 – RELIGIOSIDADE COMO CENÁRIO DA HISTÓRIA**

É impossível perceber a configuração da história indiana sem antes tentar entender o papel que a fé exerce na sua construção. O misticismo oriental vai simbolizar a verdadeira faceta dos hindus. Nossa meta é verificar através da relação religiosa como a sociedade hindu se organiza. Sua forma de compreender a arte, a política, a cultura, vislumbrando um todo complexo mas ao mesmo tempo harmonioso.

---

social e cultural que regula a sociedade hindu”. DUMONT, Louis. *Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: Edusp, 1992.

<sup>9</sup> As primeiras grandes obras de literatura e de religião hindus. As quatro escrituras védicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-vedas).

Fundamentalmente, ao falar em religião, devemos conceituá-la para poder inserir essa temática no âmbito científico. Segundo Émile Durkheim, “A religião (...), longe de ignorar a sociedade real e de não levá-la em conta, é a imagem dela, reflete todos os seus aspectos, mesmo os mais vulgares e repulsivos” (DURKHEIM, 1996, p. 464). Dessa maneira, percebemos que a inclinação religiosa hindu faz parte da história, pois revela dimensões simbólicas que abarcam o sagrado no seu processo de formação, porque um dos elementos essenciais da religião é o de revelar a história através dos mitos.

Então, percebe-se a religião como elemento que agrega e aglutina inúmeras informações acerca da comunidade que a elege, servindo por vezes como “lei” que determina e rege suas ações e reações. Portanto, a história está totalmente imiscuída e envolta pela égide do fenômeno religioso. Nessa medida, denota-se claramente sua influência, pois a sociedade hindu, mesmo sendo repleta por diversas crenças religiosas, partilha de uma mesma concepção universal: o significado de espírito.

Mesmo divergentes, a maioria das religiões de tronco oriental se configura por uma lógica bastante particular. Iremos versar aqui sobre as influências do *budismo*, do *hinduísmo* e do *tantrismo* para poder melhor elucidar as questões que estão em torno da história que compõe o cenário vivificado pelo Kama Sutra. Todavia, sabemos da existência de inúmeros cultos e seitas religiosas orientais<sup>10</sup>, mas a respeito do presente estudo entendemos que estas se aproximaram das possíveis respostas que a pesquisa tenta encaminhar.

Para aquele que vê na religião uma manifestação natural da atividade humana, todas as religiões são instrutivas, sem exceção, pois todas exprimem o homem à sua maneira e podem assim ajudar a compreender melhor esse aspecto de nossa natureza (DURKHEIM, 1996, p. 4).

A religião assume, dessa forma, um caráter instrumentalista. No caso da Índia, identificamos em Durkheim uma aproximação mais tenra no que se refere à compreensão da manifestação natural. Nesse sentido, é válido ressaltar que o pilar da sociedade hindu se debruça – como vimos acima – na metafísica que remete à construção histórica sob a égide do sagrado.

Partimos do pressuposto de que a Índia, em seu processo

---

<sup>10</sup> No Oriente existe uma gama significativa de religiões que disputam os mesmo espaços e que dividem atenções entre a população. Podemos citar: Hinduísmo, Bramanismo, Jainismo, Budismo, Tantrismo, Taoísmo, Xintoísmo, Sik; os movimentos Bhakti, Shivaísmo e Hare Krishna.

histórico, tem seu auge com a invasão das tribos árias, por volta de 1300 a. C., na qual emerge a constatação historiográfica no território indiano. Os árias, povos nômades vindos do Irã, ocuparam a região do Punjab e dominaram a já decadente civilização dos hindus, absorvendo-lhe numerosos elementos.

Assim, se dá o início Período Védico (1500-c. 500 a. C.), narrado nos Vedas, hinos sagrados de diferentes épocas, escritos em sânscrito. O Rig-Veda descreve as lutas dos árias contra os drávidas, no Vale do Indo, proporcionando uma idéia sobre a vida e sociedade desse tempo; os três outros Vedas – Sama-Veda, Yajur-Veda e Atharva-Veda –, seguidos pelos Brahmanas Upanishads, narram a fase da conquista da Planície Indo-Gangética, quando, através da síntese ário-dravídica, surge o Hinduísmo, com sua sociedade dividida em castas e varnas ou ordens. O Período Védico se encerra no final do séc. VI a. C., quando surgiram novas ideologias e religiões que transformaram o ambiente intelectual do país.

[...] Quando a Terra estava se formando, a Índia era uma ilha e ao chocar com o continente deu-se a formação do Himalaia. É incrível pensar que esta cadeia de montanhas tenha sido praia um dia, mas foram encontrados fósseis de animais marinhos e conchas em suas terras. Isto ocorreu há vinte ou trinta milhões de anos atrás, antes do aparecimento de humanos na terra (ELIADE, 1997).

A narrativa apresentada se refere à construção simbólica que permeia o universo do misticismo oriental. Eliade nos mostra o valor da representação no que tange à formação da Índia, denotando o papel do mito nesse processo de recuperação histórica.

Entre os vários reformadores religiosos que pregaram novas orientações dentro do contexto do Hinduísmo, destacam-se Buda (Príncipe Sidarta Gautama), precursor do budismo, e o filósofo e reformador social Mahavira (540-468 a. C.), último profeta *jaina*<sup>11</sup>, que deu origem ao Jainismo. Tais filosofias partilhavam desse intenso período marcado na história da Índia através da relação íntima com a religião. Logo após, destaca-se o período que compreende a Dinastia Mauria, que dará nova configuração para a civilização indiana.

Os persas, sob o comando de Ciro e Dario I, anexaram a região do Indo. Os gregos, com Alexandre Magno, ocuparam, de 327 a 325 a. C., o Punjab e o Sind, anexando vários reinos hindus, como os de Taxila e Porus. O Império Mauria foi fundado por Chandragupta Mauria, que

---

<sup>11</sup> O Jainismo, junto com o budismo, contestou a opressão proporcionada pelos brâmanes.

derrotou os filhos do rei Nanda e expulsou os gregos do Punjab, tornando-se senhor de Mágada. Deteve as invasões das forças de Séleuco, em 305 a. C., levando-as a bater em retirada.

Durante um curto período de tempo (séculos V a. C. a III a. C.) os persas tomaram o noroeste da Índia. Um jovem príncipe iniciou uma dinastia (o Império Mauria) e seu neto, Ashoka, acabou sendo o governante que mais marcou a Índia antiga, pois viajou por toda ela, tornando-se muito popular. Nos séculos seguintes, vários reinos se formaram, todos independentes, e com características culturais e línguas diferentes (ELIADE, 1997).

O imperador Chandragupta foi sucedido por seu filho Bindusara (298-c. 274 a. C.), que expandiu e consolidou o Império, e por seu neto Asoka, o "rei monge", que dominou o Kalinga, ocupando toda a Índia, com exceção dos reinos de Chola e Pandya, do Sul. Asoka foi um dos maiores e mais famosos dos soberanos da Índia. Seus editos, gravados em rochas, mostram-no como adepto do Budismo. O Império Mauria não sobreviveu por muito tempo a Asoka. Não se sabe se seus sucessores governaram todo o império ou apenas partes dele. Finalmente, em 185 a. C., Pushyamitra, comandante militar, assassinou seu senhor, fundando a dinastia Sunga (185 – 72 a. C.).

Nossa explanação em torno da história da Índia se encerra no que tange à pesquisa, neste momento, pois a partir de agora iremos decodificá-la e identificá-la através dos discursos que as religiões vão deixar emergir a respeito da matéria sócio-histórica que floresceu na cultura indiana, ou seja, no que ela pode auferir e fazer alusão ao "Kama Sutra", pois se faz necessário contextualizar o momento histórico que abarca a narrativa, para poder então encaminhar a possível explicação acerca da sua importância enquanto literatura.

#### 4 – O HINDUÍSMO

O Hinduísmo se situa entre as grandes mitologias arianas, lembrando muito a mitologia grega. No entanto, observa-se no hinduísmo a presença de um princípio supremo, absoluto e infinito que podemos identificar por *Brahmam*<sup>12</sup>. Este revela toda a essência da

---

<sup>12</sup> O núcleo da experiência espiritual hinduísta é a fé em um absoluto, o Brahmam, a única realidade verdadeira, criada, fonte primeira e fim último de toda forma do cosmo, concebido também como um deus supremo pessoal (Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva) Brahmam é o Uno e também o Tudo. Na realidade o Hinduísmo se apresenta panteísta na forma, mas monoteísta na essência, pois todas as representações (deidades/deuses)

religião. Mesmo sendo o Brahman o princípio absoluto, percebemos uma bipolaridade de potências em relação à figura do *Atmam*, que é a manifestação desse Brahman dentro do ser humano (essência/alma). “Por sua vez o *Atmam* é o princípio universal que ilumina todo o indivíduo empírico, o sopro de eternidade contido em toda forma da existência que se transforma” (MASSIMO, 2005, p. 25).

Ocorre na experiência hinduísta uma sucessão infinita de manifestações (vidas) em um ciclo de renascimentos que são regidos pelo *Karma*<sup>13</sup>, a lei da retribuição dos atos, porém o *Atmam* permanece e se envolve nesse ciclo. O objetivo da existência é a busca interior que permita ao ser humano compreender que o infinito em nós (*Atmam*) e o absoluto (*Brahman*) são a mesma realidade.

A ótica hinduísta perpassa todas as esferas da vida, reverenciando-as com leis de pureza e os rituais, na convicção de que o significado da existência e a harmonia do mundo estão regrados por uma lei verdadeira e eterna: eis o *Dharmma*. Aliás, a ordem do cosmos se percebe na ordem social, ou seja, na vida do indivíduo se refletem os preceitos dos vedas, uma vez que estes regulam a vida e auxiliam a manutenção da relação *Dharma/karma*.

Todo pensamento hinduísta é atravessado pelo sentido do conflito e, ao mesmo tempo, da união última entre bondade da regra sagrada e o valor criativo da desordem, entre a beleza da vida e ao sentido de seu caráter ilusório, entre desejo e renúncia (MASSIMO, 2005, p. 26).

Dessa maneira, o pensamento hindu encarna alguns preceitos morais como: ética, estética, virtude/fé. Assim, entende-se essa organização entre conflito e união como um espelho da relação sagrado/profano, deus/homem, céu/terra. Enfim, a particularidade metafísica indiana representa esse movimento nas suas inter-relações com a sociedade e substancialmente com a história.

---

acabam sendo manifestações do supremo que é o Brahman. Então, podemos dizer que o Hinduísmo é monoóético, pois visa ao alcance e à ligação do eu/alma (*Atmam*) com o eu superior Brahman.

<sup>13</sup> Da raiz *Kr*: fazer, obra, ação, rito, execução. É a lei da ação e divide-se em três momentos ou etapas, a saber: *Sanchita-Karma* (*Sanchita*: acumulado, amontoado) é o resultado de todas as nossas ações passadas, mas que ainda não começaram a germinar, amadurecer e transformar-se na colheita de uma vida; *Prarabda Karma* (da raiz *Prakk*: antecipado; e *arabda*: começando) é o Karma escolhido e acumulado no passado, mas que já começou a produzir frutos na forma de acontecimentos presentes. É a parte do *Sanchita* que vai ser vivida no momento atual. *Agami-Karma* (*Agami*: vindouro) é o destino que ainda não temos assumido, aquele que, sendo efetuado (semearado) agora, será incluído em *Sanchita*. Sintetizando, *Karma* é a lei de ação e reação, de causa e efeito. ROHDEN, Huberto. *Bhagavad-Gita*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

O hinduísmo vai nos revelar uma visão bramânica no mundo; mesmo tendo várias fases, o hinduísmo se centrou desde seus primórdios nos preceitos védicos de explicação da vida. Portanto, aqui elencamos o processo de construção desse pensamento e investigamos também qual a sua importância para o nosso estudo. Entretanto, já adiantamos que a religião hindu, mesmo em sua diversidade de enfoques, está presente e faz parte do processo de construção da mentalidade indiana e substancialmente da oriental.

Dessa forma, a presença do Kama Sutra enquanto literatura, nesse cenário permeado pelo hinduísmo, vai ser colocada de lado de forma providencial, pois o hinduísmo, sendo basicamente liderado pelo princípio bramânico, em sua essência não vai querer dar vazão a uma literatura que possa dividir a atenção da sociedade encorajando outro tipo de busca.

Mesmo assim, dentro do hinduísmo se menciona o papel do Kama Sutra através da sua atribuição à figura de Shiva. Existe nessa religião a representação da figura do Brahman associada a Trimurti<sup>14</sup>, que é uma espécie de tríade que tem o caráter de sustentáculo simbólico para os hindus. Essa trimurti é percebida através das figuras de Brahma, o criador, Vishnu, o preservador e Shiva, o destruidor e transformador. A Shiva é relegado o domínio do sexo como forma de yoga<sup>15</sup>, ou seja, como mecanismo de alcance ao sagrado, uma vez que se apresenta como chave à transcendência do espírito.

Portanto, os cultos a Shiva estão ligados diretamente a alguns preceitos do Kama Sutra e em especial ao papel da mulher nesse processo. A presença da figura das *Shaktis*<sup>16</sup>, que, junto ao cortejo de Shiva, são reconhecidas por *Umã*, *Durgã* e *Kali*<sup>17</sup> vai acentuar e, de certa forma, revelar a grande diferença da visualização da mulher nesse contexto oriental.

Outro conceito a respeito da composição do pensamento em torno do hinduísmo que vale a pena realçar é a constituição do significado de realidade. Sob a ótica do hinduísmo, o mundo em sua

---

<sup>14</sup> Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva. Sachchidânanda (Sat – Chit – Ananda) – ser, consciência, felicidade – Representação da realidade última, transcendência. Trindade Hindu. STODDART, William. *O hinduísmo*. São Paulo: Ibrasa, 2004. p. 32.

<sup>15</sup> Yoga: Da raiz *Yuj*: Unir. União, conexão, harmonia, relação. É a perfeita união do homem com a divindade. Patanjali define yoga como a arte de suspender ou deter as funções da mente. ROHDEN, op. cit., p. 141.

<sup>16</sup> Shakti: Elemento feminino que compõem o princípio do universo (masculino/feminino) na trimurti hindu. Consortes. CAPRA, Fritjof. *O Tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1998. p. 74.

<sup>17</sup> Shakti de Shiva: Parvati (Umã, Durgã e Kali) são suas representações. STODDART, op. cit., p. 35.

plena configuração se apresenta falso (*Maya*), uma percepção<sup>18</sup> ilusória, dessa maneira Brahman é o verdadeiro princípio das coisas (real).

O termo maya (o relativo) é geralmente usado com o significado de “o falso” (ou ilusório). Maya, contudo, pode também ser considerado positivamente como Krishna – Lîlâ: “jogo divino”, “arte divina”, “magia divina” ou “aparência”. No processo que leva à manifestação, o Ser (Îshvara) polariza-se em um princípio ativo ou masculino, Purusha, e em um princípio passivo ou feminino, Prakriti. Da interação desses dois princípios parentais nasce a existência ou manifestação (*samsâra* ou Jagat) (STODDART, 2004, p. 29).

Em suma, a contribuição do hinduísmo neste estudo tange a esse caráter representativo que acabamos de apresentar. No entanto, sabemos que ainda se revelam inúmeras lacunas acerca da religião. Entretanto, não se pretende esgotar aqui essa discussão; ao longo do trabalho ainda recorreremos a essa abordagem, porém cabe lembrar que o referido sistema religioso denota uma infinidade complexa de nuances a respeito do tema, a qual se tentará elucidar de acordo com a necessidade da nossa questão de pesquisa.

## 5 – O BUDISMO

A origem do budismo<sup>19</sup> remonta à Índia do século VI a. C., uma época de consideráveis mudanças, inclusive no cenário econômico e social. Traduz-se por um movimento (Sramana) de ruptura religiosa e filosófica. Em seu teor, o budismo opõe-se radicalmente, apresentado pelos brâmanes; mesmo que em sua essência partilhe de alguns aspectos, formalmente se mostra contrário às imposições do sistema de castas.

---

<sup>18</sup> O poder cósmico que faz possível a existência fenomênica e as percepções da mesma. De acordo com a filosofia hindu, somente aquilo que é imutável e eterno merece o nome de realidade; tudo o que está sujeito a mudança e que, portanto, tem princípio e fim, é considerado Maya. Às vezes é tida por ilusão. ROHDEN, op. cit., p. 135.

<sup>19</sup> Junto ao jainismo, contestou a autoridade dos brâmanes. Movimento de libertação, que teve como líder Sidarta Gautama. Religião calcada nas “Quatro Nobres Verdades”: a primeira coloca a existência da dor como ligada ao perpétuo fluxo das coisas; a segunda mostra no desejo a causa da dor; a terceira faz da supressão do desejo o único meio de suprimir a dor; a quarta enumera as três etapas pelas quais é preciso passar para chegar a essa supressão: a retidão, a meditação e, enfim, a sabedoria, a plena posse da doutrina. Atravessadas essas três etapas, chega-se ao término do caminho, à libertação, à salvação pelo Nirvana. DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.12.

Também o budismo renegava os sacrifícios e a lógica sagrada que eles implicavam; renegava a existência de um deus personalista ou de um princípio absoluto e refutava a tradição sacra da revelação contida no Veda. A ordem monástica que tinha se formado em volta de Buda, que não se importava com as divisões de casta, recolocava em discussão a relação entre especialista e laico, propondo uma concepção diversa da experiência religiosa (MASSIMO, 2005, p. 83).

Antes de nos atermos ao budismo, e propriamente no que ele se refere ao Kama Sutra, é necessário um breve comentário a respeito de seu baluarte – Buda –, a fim de reconhecermos sua importância para a constituição da história indiana. O príncipe Sidarta<sup>20</sup> (Siddhartha) Gautama foi quem deu a configuração primordial para aquilo que hoje identificamos por budismo. Buda nasceu em torno do ano de 566 a. C.; seu pai, Suddhodana, era chefe do clã dos Sakya e governava o estado oligárquico de Kapilavatsu, na planície do Himalaia nepalês.

O jovem príncipe Sidarta casou-se aos dezesseis anos com sua prima Yasodhara e vivia em um lugar repleto de belezas e fortunas, onde a verdadeira face do mundo não o atingia, pois o pai não queria que seu filho tão belo sofresse com as mazelas do mundo. No entanto, em determinado momento da vida, Sidarta avista um velho mendigo e decide romper os muros do palácio, deixando para trás toda a fortuna para conhecer, aliás, reconhecer o mundo como ele realmente é. A partir desse rompimento, ou melhor, desse desapego material, é que se balizam os fundamentos do budismo enquanto filosofia.

Sua contribuição em relação ao Kama Sutra foi justamente abalar os alicerces do hinduísmo bramânico, dando espaço à emergência de novas filosofias que pudessem ocupar ou retomar o seu espaço entre os indianos. Entretanto, apenas serviu para dividir as atenções da população em relação à fé, pois o budismo de certa forma se configura sob a égide da renúncia e da negação da vida e dentre estes aspectos o culto ao “sexo” não foi tão difundido pelos budistas.

A mais alta experiência espiritual para o budismo é o *Nirvana*, a libertação do Samsara, a extinção definitiva do eu. É expresso, sobretudo, pela negação do estado puro além do bem e do mal e de todos os fatores que vinculam o ser à corrente de transmigrações, se configura como o absoluto “Nada”, o qual transcende as mais altas etapas da experiência mística. A busca da “iluminação” não se percebe através da figura de um Deus nem de uma força, mas sim através do processo da meditação que a eleva do desejo físico à busca do nirvana.

---

<sup>20</sup> O Buda: precursor do budismo. MASSIMO, Raveri. *Índia e extremo Oriente: via de libertação e da imortalidade*. São Paulo: Hedra, 2005.

O budismo [...] apresenta-se, em oposição ao bramanismo, como uma moral sem deus e um ateísmo sem natureza. Ele não reconhece um deus do qual o homem dependa [...] sua doutrina é absolutamente atéia [...]. De fato, o essencial do budismo consiste em quatro proposições que os fiéis chamam as quatro nobres verdades (DURKHEIM, 1996, p. 12).

Em sua ênfase teórica, o budismo dispõe de uma variedade de escolas<sup>21</sup> que qualificam e enfatizam consideravelmente sua doutrina religiosa, e com certeza tem muito a nos revelar enquanto filosofia e fonte de estudo. Mas, em especial, será através do budismo tântrico que vamos nos aproximar mais do nosso objeto de estudo.

O budismo tântrico é a corrente mais radical (o Sahaja), fundada em Bengala entre os séculos VIII e X com os ensinamentos dos mestres Saraha e Kanha, e representou um evidente cisma na religião. Suas técnicas consistiam em exercícios transgressivos envoltos por artes mágicas, utilizando as práticas sexuais (como yoga), respaldando-se sob a premissa de que “o homem é prisioneiro do desejo, mas no próprio desejo pode encontrar a libertação” (MASSIMO, 2005, p. 123).

Nesse sentido, denota-se uma espiritualidade alheia aos cânones seguidos pelos outros ramos do budismo, pois revela uma espontaneidade que se opõe à condição da vida nos mosteiros, afirmando uma nova via da experiência da libertação interior<sup>22</sup>. Existe ainda uma outra corrente do budismo tântrico que foi absorvida pela experiência monástica que se denomina por voto de *Bodhisattva*<sup>23</sup>, que cedia às normas seculares do Vinaya. A prática da experiência tântrica foi exposta sob a égide de uma proposta de conhecimento dos mistérios rarefeitos; as meditações mais inebriantes eram reservadas àqueles que tinham sublimado certos níveis de iniciação.

---

<sup>21</sup> O Budismo se apresenta através de escolas filosóficas: Stupa; escola Theravāda; tradição Mahāyāna; Bodhisattva; Prajñā; escola Yogācāra; Budismo Tântrico; Budismo Chinês; Budismo Japonês; Budismo Tibetano e o *Bom. O Zen* (MASSIMO, 2005).

<sup>22</sup> O cânone tibetano classifica os tantra segundo quatro categorias: os kriyānttra, centrados nas cerimônias e nos ritos cotidianos; os Caryānttra, que ensinam a conduta correta e constituem um prelúdio à meditação; os Yogānttra, que explicam as técnicas básicas de concentração mística, e por fim os Anuttarayogānttra, que revelam as visões mais puras e luminosas de contemplação (id., ibid., p. 125).

<sup>23</sup> No Mahāyāna a iluminação torna-se a verdadeira base da busca espiritual. [...] O fim do percurso do bodhisattva não é mais a fuga do ciclo dos renascimentos e a extinção, objetivos finais do arhat. [...] O Bodhisattva considera o Nirvana um fim “interior” e aspira a um tipo de “libertação final” diverso e mais alto, entendido como condição de paz e de clareza interior, na qual o iluminado não está nem atado à extinção nem ao ciclo dos renascimentos (id., ibid., p. 119-120).

Os textos da nova corrente, os tantra, guardam a verdade mais profunda revelada diretamente pelo Buda supremo Mahāvairocana e transmitida em segredo de mestre a discípulo fora do ensinamento dos sutra canônicos. Trata-se, portanto, de uma sabedoria iniciática que se nega ao profano: por isso os textos usam deliberadamente uma linguagem obscura, rica em símbolos misteriosos<sup>24</sup> (MASSIMO, 2005, p. 124).

Nessa medida, a relação que fazemos em direção ao Kama Sutra, tanto o tantrismo hinduísta como o budista, por mais distintos que pareçam, ambos partilham da premissa de que os sentidos, aliás, a paixão do ser humano (a energia corporal e mental), reporta-se à iluminação.

Como ocorre para o hinduísmo, a tradição tântrica enriquece o pensamento místico com o simbolismo sexual. O conhecimento, que em seu estado latente ainda não foi despertado para a verdade, é simbolizado por uma mulher que espera conjugar-se e no rito tântrico é personalizada por uma prostituta de casta baixa visualizada pela mente do iniciado como uma deusa (MASSIMO, 2005, p. 126).

Enfim, compartilhando toda essa atmosfera é que vamos mergulhar intensamente em nosso foco de análise. Depois de toda essa contextualização, encontraremos no Tantrismo propriamente dito os suportes indispensáveis para a realização da pesquisa. O budismo tântrico em muito contribuiu para a sedimentação do simbolismo de potência da união dos dois sexos, masculino e feminino (*animus-anima*) nessa empreitada da busca do significado do amor oriental. Apesar de revelar uma visão um tanto distante da Índia, serve de impulso para uma melhor compreensão acerca do próprio Kama Sutra.

## 6 – O TANTRISMO

A realidade do tantra<sup>25</sup> hinduísta baseia-se em uma face distinta, em parte, por aquela ilustrada no Veda. Suas raízes são um tanto envoltas por brumas. Sabe-se que teve forte influência de ascetas

---

<sup>24</sup> O masculino é representado pelo símbolo do despertar, e a união dos dois realiza a experiência da mente iluminada que souber ir além de toda distinção, entre idéia e ato, entre mal e bem, entre relativo e absoluto (id., ibid., p. 126).

<sup>25</sup> A disciplina física e mental para a libertação utiliza no início as técnicas de *Hathayoga*, que combinam posições do corpo, controle da respiração e exercícios de contemplação. [...] Os caminhos que trazem em si o poder divino são os mantras (sons sagrados), os mandâla (diagramas do universo) e os mudras (gestos de mãos e posições do corpo que simbolizam gestos metafísicos) (id., ibid., p. 76).

errantes de origem drávida que cultuavam seu desenvolvimento pleno, mais associado ao que podemos identificar de hinduísmo védico<sup>26</sup>. É postulado por antigas práticas de povos autóctones (dravídicos) que possuíam uma cultura ancestral à dos invasores arianos. Além disso, era regido por visões místicas, propiciadas por xamãs centro-asiáticos através de yogas.

Essa doutrina religiosa encontrou repouso em alguns princípios dos Vedas, como no Atharva e Yajur Veda. O tantra se difundiu em regiões de fronteira, no Kasmir, a Bengala (por isso a experiência budista), o Assam, que eram áreas onde a influência bramânica não obteve muito respaldo. Após os primeiros tempos da era cristã, o tantrismo ocupou espaço e se configurou como religião autônoma. “Entre os séculos Vi e VIII, aparece bem radicado na tradição indiana, e difunde-se também nos centros de cultura e de saber tradicional do hinduísmo, que testemunharam o florescer da literatura tântrica culta” (MASSIMO, 2005, p. 74).

Sobretudo, temos a respeito dessa literatura a presença da cultura shivaísta (Shiva-gama) bem como as *Vaisnava Samhitā vishnuístas*, que são textos que revelam um altíssimo teor a respeito da revelação espiritual profunda (Sruti védica), em que o tantrismo encontra um caráter filosófico e ritual passado de mestre a iniciado. A finalidade mais acentuada da doutrina tântrica conseguiu atingir em dado momento toda a Índia, onde exerceu influência em todas as tradições religiosas.

A resposta do tantrismo constitui-se numa nova perspectiva: o mundo era a realidade, a existência estava ligada ao desejo e o fim último do desejo era um retorno ao Absoluto. A visão tântrica não contrapunha desejo e salvação; não negava os sentidos e os sentimentos, mas propunha controlá-los segundo uma ascese gradual e valorizá-los numa perspectiva de conhecimento e libertação que poderia ser atingida já aqui na terra, nesse corpo (MASSIMO, 2005, p. 74).

A relevância do tantrismo para o estudo do Kama Sutra é o fato de justamente significar o valor de uma tradição que através da fé, da mística e da iluminação consegue convergir essa experiência em verdade absoluta. A busca da verdade espiritual e do amor transcendental está intimamente ligada a esse ideal tântrico de ver/perceber o universo. Por isso o Kama Sutra<sup>27</sup> ilustra tão bem essa

---

<sup>26</sup> Pode-se dizer que o hinduísmo védico se reporta à era de conhecimento dravídico (pré-brâmene). STODDART, op. cit., p. 33.

<sup>27</sup> O Kama Sutra ou “Aforismo sobre o amor” é a obra mais importante, a mais célebre da

realidade, pois conota uma visão sistemática muito próxima da filosofia proposta no tantra.

Para Jung, os arquétipos da alteridade Animus-Anima regulam toda relação polarizada, pois são regidos por uma complacência de um encontro igualitário de potências. No tantra identificamos, em certa medida, exemplos dessa mediação. No esplendor da realidade tântrica existe um aspecto masculino e um outro feminino e seu simbolismo é representado através da união sexual. Portanto, percebendo esse movimento de “evolução” cósmica percebemos que essa interação proporciona o equilíbrio entre o espaço do sagrado e sua cosmovisão. “O princípio masculino do absoluto (Visnu e Siva, dependendo da seita) permanece imóvel e recolhido. A Sãkti, princípio feminino ativo, é a energia do início e do fim do universo, que produz e extingue o universo” (MASSIMO, 2005, p. 75).

Assim, percebemos no tantrismo elementos que darão suporte também à discussão acerca das questões de gênero que serão enfocadas também nesta pesquisa. Nossa premissa teórica era explicar como seu deus o processo histórico-cultural ao redor da Índia no que tange à narrativa do Kama Sutra. Em uma tentativa de poder reconhecer o cenário que se construiu essa história, isto é, identificar as premissas (religiosas) que serviram de sustentáculo tanto da história hindu como da possibilidade de verificar a manifestação de tal filosofia. Enfim, o tantra nos indicou a direção a percorrer e, ainda mais, nos revelou que é possível visualizar no Kama Sutra uma verdadeira lição de amor (oriental) e substancialmente a reconhecer o papel da religiosidade nesse processo de investigação histórica.

## 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação que podemos estabelecer entre história hindu e religião como cenário ao Kama Sutra se percebe no estudo das três filosofias citadas. O Hinduísmo, o Budismo e o Tantrismo configuram essa representação que cede espaço à literatura.

---

literatura hindu. Seu autor, Vatzayana, viveu o I e o IV século da era cristã. O Kama Sutra é composto por cerca de duzentos e cinquenta versos que versam sobre moral sexual, precedido de um curso de filosofia para uso de ambos os sexos numa busca incessante pelo amor universal. Kama – deus do amor – e Sutra – lições. Lê-se então: Lições de amor. A recomendação do texto é associar o Dharma ao prazer sensual como forma de unir-se ao sagrado. As lições do Kama Sutra no que tange a yoga e os mudras são os mecanismos de se atingir a realidade divina. VATZYAYANA. *Kama Sutra: O livro sagrado dos brâmanes da Índia*. Trad. Isidoro Liseux. São Paulo: Edições e Publicações do Brasil, 1930.

O Kama Sutra, em sua essência, revela um dos maiores exemplos da metafísica hindu, que é a representação do amor. A concepção de amor oriental está intimamente ligada à transcendência, é o elo que une Atmam a Brahmam.

Essa transmigração do Atmam (eu/alma), no Kama Sutra, se dá através da união sexual. A união representa o ato devocional (bhakti-yoga) em direção a Brahmam, que instaura a sintonia da harmonia.

O tantrismo em sua essência é o que mais concebe o significado primordial do Kama Sutra. Através dos Mudras e da yoga é que se realiza o ritual de alcance da verdadeira personalidade de deus (Brahmam). Além disso, em termos operacionais, podemos dizer que o tantrismo revela a prática metodológica do processo. O Hinduísmo em seu cerne primordial (Atmam/Brahmam) regula essa relação. E o Budismo define e configura através de sua fundamentação os preceitos dessa representação simbólica.

Por isso foi necessário recorrer a essas três doutrinas religiosas para entendermos o palco de possibilidades instaurado pelo Kama Sutra. O contexto histórico da construção dessa narrativa atravessa a Índia sob a égide dessas três doutrinas. A população hindu, mais precisamente do vale do Ganges, viu o Kama Sutra florescer em seu esplendor e pode desfrutar de seus ensinamentos para alcançar a essência do deus.

É obvio que poderíamos explorar muito mais a narrativa, mas a nossa intenção aqui era entender a relação simbólica que se confere entre a formação sociocultural da Índia e a manifestação religiosa que é tão significativa para os hindus. Nessa medida, compreendemos que a obra literária – Kama Sutra – de Vatzkyayana representa um marco cultural no ambiente indiano, pois revela a mais pura face do amor.

Assim, é emblemática a presença da religião para a história indiana, tornando-se um axioma que calca toda e qualquer relação nascida no oriente. Através dessa lógica, envolta por um misticismo, é que vai se balizar a sociedade hindu. Em uma tentativa de buscar o entendimento de seu processo de evolução histórica, o Kama Sutra é para a Índia um esteio que regula, ao menos em algumas regiões, a sua intervenção no campo do sagrado, bem como no seu desempenho perante a vida.

## REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof; STEINDL, David. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1998.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *O Mahabharata*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- EDWARDS, Mike. A civilização do Rio Indo. *National Geographic Brasil*, v. 1, n. 2, 2000.
- FREIBERGER, Mário J. *Ação e tempo na Bhagavad Gîtá*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOSWAMI, Satsuarupa Dasa. *Prabupada: um santo no século XX*. São Paulo: Bhaktivedanta, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião oriental*. São Paulo: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O espírito na arte e na ciência*. São Paulo: Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- MINAYO, Maria Cecília. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. São Paulo: Vozes, 2002.
- MORIN, Edgar. *X da questão: o sujeito à flor da pele*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O método 4: as idéias*. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- PRABHUPADA, Swami. *Sri Isopanisad: o conhecimento que nos aproxima de Deus*. São Paulo: Bhaktivedanta, 1999.
- RAVERI, Massimo. *Índia e Extremo Oriente: via de libertação e da imortalidade*. São Paulo: Hedra, 2005.
- RICOUER, Paul. *As culturas e o tempo*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gîta*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- SCHURÉ, Édouard. *Rama*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Krishna*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- STODDART, William. *O hinduísmo*. São Paulo: IBRASA, 2004.
- VATZYAYANA. *Kama Sutra: o livro sagrado dos brâmanes da Índia*. Trad. Isidoro Liseux. São Paulo: Edições e Publicações do Brasil, 1930.

